

Quando o homem decide ficar com o apelido da mulher

Registo. A prática de adotar o nome de família do cônjuge está disponível para ambos. Mas não é muito comum o parceiro masculino usar o apelido da mulher: em 2014 houve 1422 casos

JOANA CAPUCHO

“Para mim, sempre foi claro que iria adotar o apelido da Alda. Iamo-nos casar e a ideia é de que seja para a vida. Como queríamos formar uma família, fazia sentido termos um nome de família.” É assim que João Miguel Quintas Rocha Vieira, 34 anos, explica o que o levou a adotar o nome de família da mulher – Rocha – quando se casaram pelo civil, em agosto de 2012.

“Nunca achei que a velha ideia de que é a mulher que deve ficar com o apelido do marido – e que persiste na minha família – fazia sentido.” Ambos adotaram o sobrenome um do outro, mas o que deixa as pessoas “surpreendidas” é o facto de João ter mudado o seu nome.

Em Portugal, a lei prevê que o homem possa usar da faculdade de adotar o sobrenome da mulher desde 1978, mas esta está longe de ser uma prática comum no país. Tradicionalmente, é a mulher quem passa a usar o apelido do marido.

De acordo com o Instituto de Registos e Notariado, 2076 homens escolheram acrescentar o apelido da mulher em 2007, o que representa cerca de 4% dos homens que se casaram nesse ano. Quanto às mulheres, 23 721 (49,15%) adotaram o apelido do marido.

No ano passado, apenas 1422 homens optaram por quebrar a tradição, embora a percentagem se mantenha nos 4%, pois houve uma quebra significativa no número total de casamentos. Já a percentagem de mulheres que o fez diminuiu para os 41,42%.

Meramente cultural

Por não ser uma prática usual entre os homens, ainda causa alguma admiração. Na semana passada, a BBC noticiou uma publicação de Zoe Saldana no Facebook, na qual a atriz respondia às críticas que surgiram depois de o marido ter adotado o seu sobrenome após o casamento.

“Porque é que é tão surpreendente que um homem fique com o sobrenome da esposa?”, questionou. Marco Perego é agora Marco

Saldana, mas até chegou a ser desencorajado pela atriz, que achou que a identidade do artista podia ser posta em causa ao tornar-se “Mr. Saldana”. Várias outras celebridades têm ido contra a tradição. Já em 1969, quando se casou com Yoko Ono, o músico John Lennon adotou o apelido da esposa, tendo passado a chamar-se John Winston Ono Lennon.

“Há uma percepção crescente de que a atribuição do apelido do cônjuge é meramente cultural e que pode ser ajustada e alterada”, afirma Cristina Santos, doutorada em Estudos do Género. No futuro, é

mais provável “que aumente a percentagem de mulheres que decidem manter o seu apelido do que o número de homens a adotar o da mulher após o casamento”. Isto porque, na opinião da investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, tenderá a existir uma maior percepção “da inutilidade desta mudança e das implicações que tem nas questões da sociabilidade.”

Quando se fala do uso do apelido do cônjuge quando do matrimónio, fala-se sobretudo do “peso da tradição”. Cristina Santos salienta dois aspetos: “Há a inscrição

de um atributo alheio naquilo que temos de mais pessoal – o nosso nome. Subitamente, assume um novo carácter, tornando quase invisível a identidade da pessoa. E há aqui uma contradição com o investimento que é feito pelos pais na escolha do nome a dar aos filhos, que depois é posto em causa.”

Mentalidades a mudar

Em Portugal, houve uma quebra de 8% na percentagem de mulheres que decidiram acrescentar o apelido do cônjuge ao “nome de solteira” nos últimos sete anos. Para a investigadora Cristina Santos, uma das razões para essa diminuição é “a transformação de mentalidades e a perceção social da importância da igualdade entre homens e mulheres”.

Destacando que “muitos homens têm a expectativa de que a mulher assumo o seu apelido”, a socióloga considera que esta alteração também está relacionada com “uma maior negociação entre o casal.”

Por outro lado, Cristina Santos reconhece que o “crescente profissionalismo” das mulheres as faça querer manter o seu apelido, “porque uma carreira é, quase sempre, construída em cima de um nome.” E há, ainda, “um investimento crescente na identidade da mulher.”

Segundo a investigadora do CES, um dos indiciativos de que esta tradição começa a ser questionada “é a tendência para a utilização dos dois últimos nomes nas redes sociais. Dessa forma, não há um apagamento total do apelido pelo qual a pessoa era conhecida, mas apenas um acrescento”.

COMPARAÇÃO

Portugal até deu permissão cedo

› Até abril de 1978 apenas as mulheres podiam “usar os apelidos do marido até ser proferido divórcio ou, em caso de viuvez, até passar a segundas núpcias”. Isto mudou naquela data com a aprovação do diploma atualmente em vigor.

Na Alemanha, por exemplo, só a partir de 1994 é que o homem passou a poder usar o apelido da mulher, enquanto na Grécia desde 1983 que as mulheres são obrigadas a manter o nome de nascimento durante toda a vida.